

**PARTE II**  
**MADRE MARIA TERESA: UM TESTEMUNHO EQUILIBRADO**  
**DE MORTIFICAÇÃO**

## 4 Madre Maria Teresa: vida e obra

Nesta segunda parte, vamos conhecer a vida e obra de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, fundadora do instituto das irmãs pequenas missionárias de Maria Imaculada. Mulher de grande valor, que soube aplicar com equilíbrio os exercícios de mortificação, tão comum à vida religiosa de sua época.

### 4.1. Biografia e escritos

Dulce Rodrigues dos Santos nasceu no dia 20 de janeiro de 1901, em São Paulo, capital. Filha do casal Basílio Rodrigues dos Santos e Helena Herold dos Santos. Com apenas dois meses de vida, perdeu o pai, vítima de aneurisma da aorta, aos quarenta e sete anos de idade. Sua mãe permaneceu viúva e educou, com ajuda de parentes, seus seis filhos, dos quais Dulce era a caçula<sup>282</sup>. Conseguiu, com muito esforço, vê-los todos formados: quatro professoras, entre as quais Dulce, um médico e um engenheiro<sup>283</sup>.

É na família, órfão de pai, que Dulce aprendeu, no exemplo da mãe, os princípios cristãos, as principais orações, a devoção à Virgem Maria e o cuidado com os pobres, que marcarão profundamente sua personalidade e o instituto religioso por ela fundado<sup>284</sup>. No dia de sua morte, em 8 de janeiro de 1972, o então prefeito de São José dos Campos, brigadeiro Sérgio Sobral de Oliveira, declarou a respeito de Dulce:

“Eu a conheci bem e a admirei mais. Personalidade marcante, vontade férrea, liderança sem autoritarismo, administradora nata. Ao mesmo tempo, era doce como uma criança, suave como a alvura do seu traje. Não há nesta cidade uma só família que não tenha sido beneficiada, direta ou indiretamente por Madre Teresa. Disseram-me que ela aqui chegou doente, quando a nossa cidade ainda tinha a imagem e a fama de bom clima para a cura de moléstias pulmonares. Aqui ela recuperou a saúde e encontrou algo muito mais importante: sua verdadeira

<sup>282</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Nascimento: uma flor que se abre para a vida*. In: TE, n. 3, p. 03.

<sup>283</sup> Cf. Idem, *Primeira infância*. In: TE, n. 4, p. 03.

<sup>284</sup> Cf. SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 16.

vocação. Servir à comunidade, com o hábito a serviço de Deus. Da modesta pensão para abrigar doentes pobres até o hospital Nossa Senhora de Fátima, Madre Teresa foi a incansável batalhadora pelos enfermos e necessitados. Foi o anjo da guarda dos médicos desta cidade. O anjo bom da Santa Casa, dos hospitais Maria Imaculada, do Hospital Nossa Senhora de Fátima. Sempre um conselho firme, uma orientação segura, mas também uma palavra amiga, um consolo para os aflitos. Eu a vejo partir para o Senhor com a desenvoltura do dever cumprido e vejo, também, sua imagem generosa que aqui ficou, para sempre. Como exemplo”<sup>285</sup>.

#### 4.1.1.

##### **Formação inicial e vocação religiosa**

Dulce iniciou seus estudos no “Externato São José”, das irmãs de Chambéry. Lá já estudavam suas irmãs mais velhas. Posteriormente, entrou para a “Escola Normal Caetano de Campos”, formando-se professora<sup>286</sup>. Num gesto magnânimo, renunciou à primeira nomeação em favor de uma colega, que havia perdido o pai e era arrimo de família<sup>287</sup>.

Já professora, nutria em seu íntimo o desejo de ser carmelita. Assistiu a cerimônia da solene profissão religiosa de uma grande amiga, Raimunda Gonzaga, no carmelito, e mais se convenceu de que também era chamada por Deus à mesma vida de consagração. Contudo, sua mãe não consentiu com seu desejo de tornar-se carmelita<sup>288</sup>.

#### 4.1.2.

##### **Surgimento da tuberculose**

Continuou lecionando, porém, sua saúde, que já era frágil se deteriorou ainda mais; licenciou-se, em 1921. Foi levada, nos inícios do ano seguinte, para uma fazenda no município de Rio Claro, interior de São Paulo, para melhor cuidar da saúde, mas nada disso produziu resultados, sua saúde continuou piorando. Acometida de uma plerusia e examinada por um renomado clínico da época, Dr. Lemos Torres, foi constatada uma tuberculose pulmonar<sup>289</sup>.

Àquele tempo, a medicina não dispunha de recursos para a cura da tuberculose, que era também chamada de “peste branca”. Resolveu-se, então,

---

<sup>285</sup> SOBRAL DE OLIVEIRA, S., *Comunicado 2/72 da Prefeitura Municipal de São José dos Campos*, fev. 1972. Apud SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, p.16.

<sup>286</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Os estudos*. In: TE, n. 05, p. 03.

<sup>287</sup> Cf. SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 18.

<sup>288</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Sonhos*. In: TE, n. 06, p. 03.

<sup>289</sup> Cf. *Ibidem*.

levá-la para a cidade de São José dos Campos<sup>290</sup>, também interior de São Paulo, à época, instância climática do vale do Paraíba, onde o clima seco era favorável ao tratamento da tuberculose. Dulce deixou a cidade de São Paulo no dia sete de junho de 1922, de trem, rumo a São José dos Campos, onde a família alugou uma casa para tratar sua doença. Foi acompanhada por sua mãe e seu irmão médico, Dr. Brasília<sup>291</sup>.

#### 4.1.3.

#### **São José dos Campos: contextualização histórica**

São José dos Campos não era então o grande centro industrial e aeroespacial de hoje, de projeção mundial com um número extraordinário de fábricas de grande e médio porte; suas universidades e escolas de alto nível, que a colocam entre as cidades mais ricas e desenvolvidas do Brasil. Àquela época, era conhecida apenas como a “cidade esperança”, procurada por um grande número de doentes tuberculosos, que a ela acorriam em busca de saúde, porque se acreditava existir na atmosfera um fator que auxiliava o tratamento e que se explicava pela altitude, o grau de umidade e pela incidência de raios ultravioleta<sup>292</sup>. Desde 1902, era tão grande a fama do município, que logo se tornou o maior centro de tisiologia do país, entre as décadas de 1920 a 1950. Grande número de sanatórios e pensões sanatoriais se instalaram na cidade; esse período ficou na história de São José dos Campos como a “fase sanatorial”, terminando por volta de 1965<sup>293</sup>.

Foi um período difícil para os habitantes de São José dos Campos. O medo de contágio criava situações difíceis para os tuberculosos. Segundo alguns relatos de pessoas que passaram de trem por São José dos Campos na época, evitava-se tomar o cafezinho ou beber água nos copos da estação. Da mesma forma que o ‘fogo do mal dos ardentes’<sup>294</sup>, no ano 1000 dC., a tuberculose, no início do século XX, também não tinha cura conhecida, logo, o medo espalhou-se mais rápido que

---

<sup>290</sup> SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 26: “São José dos Campos é uma cidade encravada no Vale do Paraíba (...). Sua história está estreitamente ligada à história de São Paulo e tem seus primórdios no aparecimento do núcleo indígena que se chamou ‘Aldeia do Rio Comprido’, em 1563. Segundo seu historiador, Agê Júnior, as ‘suas lindas e inigualáveis planícies’ veio para Anchieta, em cujas cartas muito se pode saber ‘como se processou a luta pela consolidação da Capitania de São Vicente’, à qual pertencia, então, aquela aldeia (...)”.

<sup>291</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Sonhos*. In: TE, n. 06, p. 03.

<sup>292</sup> Cf. SCIADINI, P., loc. cit.

<sup>293</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Sonhos*. In: TE, n. 06, p. 03.

<sup>294</sup> Doença carencial, provocada pelo consumo do esporão do centeio presente na farinha de milho.

a doença. Se as cidades da Idade Média isolaram-se proibindo a entrada ao suspeito de trazer o mal dos ardentes, a arquitetura joseense da época recuou a entrada das casas, que davam direto para a rua, ao colocar um pequeno jardim à frente da entrada da casa formando assim uma fachada. Com isso, o suspeito de trazer a doença era mantido a uma distância tida como segura<sup>295</sup>.

#### **4.1.4. Tratamento em São José dos Campos**

Em São José dos Campos, Dulce passou por muitos sofrimentos. Após um ano e oito meses de tratamento, nenhuma melhora foi constatada, então os médicos decidiram que ela iria para Campos do Jordão, na serra da Mantiqueira, cidade próxima à São José dos Campos. Dulce iria para o tratamento que se chamava “choque de clima”. Sua mãe precisou voltar para São Paulo. Dulce ficou sozinha. Sofreu muito<sup>296</sup>. Em inícios de 1925, finalmente, regressou a São José dos Campos, pois o médico que a acompanhava julgou que a altitude elevada de Campos do Jordão não lhe estava fazendo bem. Ao retornar, Dulce passou a residir no “Sanatório Vicentina Aranha”, pelo tempo de sete meses, até transferir-se para a pensão de “Dona Cecília”<sup>297</sup>.

Sua saúde parecia melhorar, mas um novo período de sofrimento se aproximava. Sua mãe, que havia regressado a São Paulo, adoeceu gravemente. Internada no Sanatório Santa Catarina, hoje hospital do mesmo nome, foi operada, extraindo cálculos biliares, posteriormente a vesícula, agravando-se seu estado rapidamente. Dulce viajou para a cidade de São Paulo e assistiu sua mãe até a morte, ocorrida a 28 de janeiro de 1926<sup>298</sup>.

Dulce havia prometido a sua mãe que adiaría o sonho de ser carmelita até sua morte. Também receosa por sua frágil saúde, pedira-lhe também Dona Helena que não saísse de São José dos Campos, até solidificar sua cura. Por isso, Dulce, logo após a morte da mãe, aceitou o convite de seu irmão Pelágio, para permanecer algum tempo com ele e sua família em Jaboatão, Pernambuco<sup>299</sup>.

---

<sup>295</sup> Cf. VILHENA DE MORAES, T., *Aspectos da fase sanatorial em São José dos Campos (1930-1950)*. In: KLEPSIDRA, *Revista virtual de história*, n. 10, abr./maio 2002. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra10/sanatorios.html>. Acesso em: 29 junho 2006.

<sup>296</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *O germinar da semente*. In: TE, n. 07, p. 04.

<sup>297</sup> Cf. Idem, *Os misteriosos caminhos do Senhor. A missão*. In: TE, n. 8, p. 02.

<sup>298</sup> Cf. Ibidem.

<sup>299</sup> Cf. Ibidem.

Depois desta estadia em Pernambuco, voltou para São José dos Campos para continuar o tratamento. Regressou para a mesma pensão de onde saíra havia pouco tempo: a pensão de Dona Cecília. O ambiente das pensões sanatoriais àquela época não era bom. Havia muita promiscuidade. O panorama de decadência moral e abandono dos doentes incomodava profundamente a Dulce, que não se conformava com o que via. Já restabelecida, enquanto aguardava a resposta do Carmelo ao seu pedido de admissão à vida consagrada – para isso já havia consultado sua antiga amiga, irmã Raimunda Gonzaga, agora priora do recém criado carmelo de Mogi das Cruzes – dedicou-se totalmente à assistência espiritual dos enfermos<sup>300</sup>.

#### **4.1.5. O apostolado junto aos tuberculosos**

Por motivos de prudência, deixou de vez as pensões. Com duas companheiras, Ziza e Euricêmia, também tuberculosas em recuperação e que comungavam de seus ideais, alugou uma pequena e modesta casa, em janeiro de 1927. Dr. Nelson Silveira D'Ávila, médico e grande colaborador, foi seu fiador. Essa primeira residência será um ensaio do futuro “Pensionato Maria Imaculada”. Daquela acanhada casa, num trabalho discreto, auxiliada por suas companheiras, Dulce saía para visitar os doentes nas pensões e abrigos, confortá-los em seus sofrimentos, levar-lhes uma palavra de fé e esperança. Quando julgava oportuno chamava um padre, para os atender e sacramentar. Monsenhor Ascânio da Cunha Brandão<sup>301</sup> era quem atendia os doentes, quando solicitado. A ele Dulce recorria sempre. Mons. Ascânio acompanhou de perto o apostolado de Dulce e suas companheiras, à primeira vista, simples e desprezioso, mas que proporcionou um grande bem a tantos homens e mulheres desiludidos da vida<sup>302</sup>.

---

<sup>300</sup> Cf. Ibidem.

<sup>301</sup> Cf. SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, pp. 29-30: Monsenhor Ascânio da Cunha Brandão nasceu em Paraíba do Sul/ RJ, aos 03 de março de 1901. Desde a mais tenra idade revelou uma inteligência muito viva; era alegre e brincalhão. Foi secretário particular de Dom Epaminondas, bispo de Taubaté, diretor da imprensa diocesana, da obra das vocações, diretor espiritual do seminário, pregador de retiros. Também foi um escritor fecundo. Deixou muitas obras publicadas entre as quais, o “Breviário da Confiança”. Em 02 de fevereiro de 1951 foi investido no cargo de primeiro pároco de São Dimas, em São José dos Campos. Faleceu em 20 de janeiro de 1956, sendo sepultado em Taubaté.

<sup>302</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Os misteriosos caminhos do Senhor. A missão*. In: TE, n. 08, p. 03.

O desejo de Dulce de ter onde abrigar mais moças doentes, proporcionando-lhes um ambiente sadio, levou-a a alugar, com as companheiras uma casa maior. E assim o pensionato foi crescendo. É oportuno conhecer, através da própria Dulce as dificuldades que enfrentou para iniciar e manter o pensionato:

“(…) Muito pobre, lutando imensamente com a falta de recursos para a sua instalação, teve, todavia, prova evidente da benção divina que sobre ele se derramava no bom acolhimento que recebeu em toda a parte e, principalmente, no apoio imenso que lhe deram o prestígio, a bondade e a dedicação inesgotável do Exmo. Sr. Dr. Nelson Silveira D’Ávila, diretor clínico da casa, para quem não saberíamos nunca saldar nossa dívida de gratidão. Outro sinal das bênçãos de Deus sobre nossa peregrina casa foi o espírito de alegria, de união e de piedade que insensivelmente nela se foi introduzindo. Todas, de comum acordo, procuravam aproveitar o tempo da moléstia para se aproximarem de Deus e progredirem na virtude. Melhoras consideráveis na saúde das doentinhas, que foram aumentando em número animaram-me muito também a prosseguir (...)”<sup>303</sup>.

Corria já o ano de 1928. O trabalho continuava e o número de doentes que procuravam o pensionato aumentava. Neste mesmo ano, Dulce finalmente recebeu a aprovação para entrar no Carmelo. Fato raro, pois o Carmelo com sua regra tão austera, cheia de penitências, dispunha-se a receber uma jovem que fora tuberculosa. Ao saber da eminente partida de Dulce, um clima de amargura tomou conta das doentes do pequeno pensionato, que tinham em Dulce uma verdadeira mãe. Naqueles dias estava de passagem por São José dos Campos o missionário redentorista Pe. Henrique de Barros, que vinha para atender os doentes. Antes de chegar ao pensionato de Dulce, os doentes já o haviam informado sobre a sua próxima partida para o Carmelo. Pe. Henrique, homem franco, objetivo e zeloso pelo bem dos doentes não gostou nem um pouco dessa idéia. Dirigiu-se, então, ao pensionato e num rápido encontro com Dulce, sem mesmo entrar, como já fizera em outras ocasiões, disse-lhe apenas: “Seu lugar é aqui, junto das moças tuberculosas!” E partiu, sem acrescentar mais nenhuma palavra. Dulce discerniu que as palavras de Pe. Henrique não eram apenas um conselho, mas, sim, vontade de Deus. E decidiu ficar<sup>304</sup>. Ao silêncio do Carmelo preferiu o forte gemido dos doentes. À solidão preferiu o convívio dos necessitados. Optou por adorar e servir Cristo presente no ostensório sofrido do corpo humano<sup>305</sup>.

<sup>303</sup> Ibidem.

<sup>304</sup> Cf. Ibidem.

<sup>305</sup> Cf. SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, pp. 30-31.

#### 4.1.6. Carisma de fundadora

À medida que a pensão de Dulce tornava-se conhecida aumentava também o número de doentes. Por isso foi necessário alugar um prédio maior para transferir o pensionato. Era uma casa grande, bem mais confortável para as doentes. Vizinho ao novo prédio do pensionato, residia o Pe. Joaquim França, sacerdote salesiano, também tuberculoso. Gentilmente este sacerdote cedeu a capela de sua residência para que Dulce e suas pensionistas pudessem freqüentá-la. O próprio Pe. Joaquim França se dispôs a atender as confissões das doentes, trazendo-lhes com freqüência e depois diariamente, a comunhão eucarística<sup>306</sup>.

Em janeiro de 1930, em uma de suas passagens por São José dos Campos, o Pe. Henrique de Barros pregou às pensionistas um retiro espiritual que deixou em Dulce algumas inquietações profundas: qual seria o destino do pensionato? Uma agremiação piedosa? Uma congregação religiosa? Como concretizar o sonho de igualmente oferecer abrigo às tuberculosas pobres, que viviam abandonadas em casebres, por não poderem pagar uma pensão<sup>307</sup>? O bispo de Taubaté, Dom Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, comungava também das mesmas angústias e ideais de Dulce. Sonhava com uma associação religiosa que realizasse este trabalho de assistência a tantos tuberculosos desamparados. Taubaté era à época uma extensa diocese, à qual pertencia o município de São José dos Campos. Foi quando, Monsenhor Ascânio Brandão, secretário particular de Dom Epaminondas, levou ao bispo a notícia de que Dulce, com algumas companheiras, realizava um belo trabalho caritativo junto às tuberculosas em São José dos Campos. Dom Epaminondas quis conhecê-la<sup>308</sup>.

#### 4.1.7. Apoio de Dom Epaminondas

Em julho de 1931, Dulce foi ao palácio episcopal apresentar-se a Dom Epaminondas. Ocasão em que o bispo manifestou-lhe o desejo de constituir uma congregação diocesana para as obras de caridade. O desejo do bispo veio de encontro a um ideal que ela já acalentava a um bom tempo. A pedido de Dom

---

<sup>306</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, A “Pensão da dona Dulce”. In: TE, n. 09, p. 02.

<sup>307</sup> Cf. Ibidem, p. 03.

<sup>308</sup> Cf. Idem, *Dulce e Dom Epaminondas: unidos pelo mesmo ideal*. In: TE, n. 10, p. 03.

Epaminondas, Dulce elaborou um documento escrito, basicamente definindo o carisma da congregação que nascia. Espiritualidade bem definida, campo de ação e objetivos específicos. Seria o fundamento da regra do futuro instituto. Dom Epaminondas o aprovou em suas linhas mestras, em caráter experimental, até que se elaborassem as constituições definitivas da nova congregação. Apenas o nome, “filhas de Maria Imaculada” foi substituído pelo de “pequenas missionárias de Maria Imaculada”, por já existir outro instituto com esse nome<sup>309</sup>. E preocupado em dar estabilidade à nascente obra, em 16 de fevereiro de 1932, Dom Epaminondas aprovou, também em caráter provisório, o regulamento de vida da recém criada associação. As cinco primeiras associadas eram: Dulce Rodrigues dos Santos, Dulce Monteiro Machado, Maria da Conceição Portugal e Souza, Ida Cavaton e Francisca Corrêa<sup>310</sup>.

No pensionato já residiam trinta e cinco tuberculosas. O número ia sempre crescendo, pois o nome “Pensão da Dona Dulce” era um dos melhores e mais sadios locais para tratamento da tuberculose. Até então, doentes e associadas residiam em uma mesma casa, em uma união que havia sido necessária para a consolidação da obra, mas que agora, em vista de seu desenvolvimento, precisava ser modificada. A 26 de abril de 1932, as cinco primeiras associadas mudaram-se para uma pequena casa ao lado do pensionato. Esta casa foi batizado com o nome de “Betânia”. O ideal da vida religiosa ia aos poucos se firmando e tomando forma. Foi definido um uniforme. E no dia 15 de agosto de 1932, festa da “Assunção da Virgem Maria”, as associadas vestiram o novo uniforme, como sinal de uma consagração irrevogável. Este dia ficou considerado como o da fundação oficial da associação<sup>311</sup>.

Como o número de doentes continuava crescendo, novamente se fazia necessário mudar para um casa maior. Então surgiu o grande sonho: construir um sanatório. Dulce usou sua herança e alguns donativos para comprar um terreno bem próximo ao centro da cidade. Era uma chácara, situada à rua major Antônio Domingues. É o local onde hoje se encontra a “Casa Generalícia da Congregação”. Com poucos recursos, mas muita confiança na providência divina,

---

<sup>309</sup> Cf. Idem, *O Espírito do Senhor conduz a sua eleita*. In: TE, n. 11, p. 03.

<sup>310</sup> Cf. Idem, *Os primeiros tempos. Uma obra divina que se vai consolidando*. In: TE, n. 12, p. 02.

<sup>311</sup> Cf. Ibidem, p. 03.

foi lançada a pedra fundamental do “Sanatório Maria Imaculada”, aos 25 de março de 1933<sup>312</sup>.

Sem esmorecer, Dulce liderou entusiasticamente os trabalhos de construção do sanatório, o que motivou Dom Epaminondas a transformar a ‘associação’ em ‘congregação religiosa’. Em provisão dada e passada em Taubaté, a 14 de outubro de 1934, Dom Epaminondas autorizou as ‘irmãs’ a vestirem o hábito e a usarem nome religioso, nomeando ainda, em outra provisão, Dulce como superiora da comunidade. A partir de então, Dulce assume o ofício e o nome religioso de “Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico”. Um nome que é projeto de vida. Nome, aliás, escolhido e explicado pelo próprio Dom Epaminondas<sup>313</sup>:

“(…) Aprovo muito a escolha dos nomes de religião das ‘Pequenas Missionárias’ e escolho para a senhora, já que o deseja, este: ‘Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico’. Lembrei-me de santa Teresa como grande reformadora e fundadora de tantos conventos, além de mestra consumada da vida espiritual. Jesus eucarístico define bem a nossa obra. Embora um pouco comprido, não é muito mais do que o de santa Teresinha (do Menino Jesus e da Sagrada Face). À senhora e às demais pequenas missionárias os meus parabéns muito sinceros, com votos de que todas trabalhem por copiar fielmente os modelos que lhes são propostos<sup>314</sup>”.

Dom Epaminondas faleceu no dia 29 de junho de 1935. Um tempo de incertezas invadiu a comunidade das irmãs pequenas missionárias, com a perda do bispo que protegia e incentivava uma obra ainda muito frágil. Com coragem e dinamicidade, Madre Maria Teresa deu prosseguimento às atividades e projetos da congregação. E no dia 6 de outubro de 1935 inaugurou-se o “Sanatório Maria Imaculada”; e no dia 13 de maio de 1936 acontecia a abertura do primeiro pensionato para rapazes tuberculosos. E em 27 junho de 1936 o Papa Pio XI assinou finalmente o decreto de beneplácito, reconhecendo a autorizando a existência da “Congregação das Irmãs Pequenas Missionárias de Maria Imaculada” e aprovando-lhes as constituições. Com a congregação autorizada, Madre Maria Teresa tinha licença para fazer a solene profissão perpétua como superiora geral, juntamente com as demais religiosas designadas para o governo geral, e também com as irmãs que já estivessem há cinco anos na associação<sup>315</sup>.

<sup>312</sup> Cf. Idem, *A concretização de um ideal. Ensaios de vida religiosa*. In: TE, n. 13, p. 03.

<sup>313</sup> Cf. Idem, *Betânia que se faz céu (...)*. In: TE n. 16, p. 03.

<sup>314</sup> Carta de Dom Epaminondas a Dulce (05/03/1934). Apud Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Betânia que se faz céu (...)*. In: TE n. 16, p. 03.

<sup>315</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *A espera (...)*. In: TE n. 19, p. 03.

#### **4.1.8. Ereção canônica**

A ereção canônica aconteceu no dia 08 de novembro de 1936, em missa celebrada pelo novo bispo de Taubaté, Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, na capela do sanatório Maria Imaculada. Nesta cerimônia, foram lidos os decretos da Santa Sé e do bispo diocesano, erigindo em congregação religiosa o instituto. Assim, gradativamente, se ia regularizando, de acordo com as normas canônicas, a congregação nascente<sup>316</sup>.

Após um retiro espiritual de dez dias, a 21 de novembro de 1936, enfim Madre Maria Teresa proferiu os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência<sup>317</sup>. E a 06 de dezembro tomou posse como superiora geral do instituto de direito diocesano “Pequenas Missionárias de Maria Imaculada”, de São José dos Campos. À posse seguiu-se a imposição do véu de noviças às 12 irmãs que deveriam iniciar o noviciado canônico. Ao mesmo tempo em que se dava início ao noviciado, as irmãs que se destinavam ao governo geral da congregação nascente foram dispensadas do noviciado canônico, e emitiram votos perpétuos no dia 08 de dezembro. E a 15 de janeiro do ano seguinte, realizou-se a reunião que tornaria oficial a nomeação do primeiro governo geral da nova congregação. Madre Maria Teresa explicou as atribuições de cada cargo para os quais seriam nomeadas as irmãs, exortando-as a assumirem seus postos como um serviço à Igreja<sup>318</sup>.

Aos 11 de fevereiro de 1952, Madre Maria Teresa teve a alegria que é dada a poucos fundadores: ver concedido à congregação o decreto de louvor, tornando-a pontifícia. E ainda em pleno desenvolvimento do ‘Concílio Vaticano II’, ao 08 de dezembro de 1964, recebeu do Papa Paulo VI a aprovação definitiva do “Instituto das Irmãs Pequenas Missionárias de Maria Imaculada”<sup>319</sup>.

#### **4.1.9. Espiritualidade da nova congregação**

A espiritualidade das Irmãs Pequenas Missionárias tem seu centro na eucaristia, na devoção à Virgem Maria e nos ensinamentos de santa Teresa de Lisieux. Deste centro emana um profundo amor aos sacerdotes e aos doentes. É

---

<sup>316</sup> Cf. Idem, *Primeiros encontros com a congregação*. In: TE, n. 20, p. 03.

<sup>317</sup> Cf. Idem, *Profissão perpétua de Madre Maria Teresa*. In: TE, n. 22, p. 03.

<sup>318</sup> Cf. Idem, *Os sólidos alicerces da congregação*. In: TE, n. 23, p. 03.

<sup>319</sup> Cf. *Ibidem*.

prescrito pelas constituições que as irmãs diariamente façam uma hora de adoração ao “Santíssimo Sacramento” e que se ofereçam em imolação com Jesus eucarístico pela santificação do clero e pelo surgimento de novas vocações sacerdotais<sup>320</sup>. As constituições também prescrevem um grande zelo pelos enfermos, especialmente os mais abandonados<sup>321</sup>.

Madre Maria Teresa cultivava e transmitia as suas religiosas uma equilibrada devoção à Virgem Maria. Não apresenta Maria com um pieguismo evasivo e nem pelo caminho do sentimentalismo, mas como a mulher de fé, esperança e caridade, que deve ser imitada: “Não é só espalhar novenas, falar coisas bonitas, ter devoção (...). A pequena missionária precisa fazer consistir as suas festas nas imitações das virtudes de Nossa Senhora”<sup>322</sup>.

#### **4.1.10. Novas fundações**

Após a consolidação do sanatório Maria Imaculada, outras obras foram surgindo. A primeira fundação fora dos limites de São José dos Campos foi na cidade de São Paulo. No dia 21 de novembro de 1939, a congregação tomou posse do “Hospital Clemente Ferreira”, um sanatório para tuberculosos pobres, situado no parque Jabaquara. Em seguida, vieram muitas outras fundações, dentre as mais significativas estão, a “Casa santa Inês”, em São José dos Campos, para atender as crianças, que eram separadas dos pais tuberculosos para não contraírem a doença; o sanatório Antoninho da Rocha Marmo, para atender crianças tuberculosas – hoje “Hospital Antoninho da Rocha Marmo” –, também em São José dos Campos; o sanatório Marques Lisboa – hoje “Hospital Madre Teresa” –, em Belo Horizonte; a “Casa de saúde Stella Maris”, em Caraguatatuba; e o “Hospital Pio XII”, em São José dos Campos<sup>323</sup>.

#### **4.1.11. Escola de enfermagem**

Preocupada com a formação de suas religiosas para a difícil e exigente missão de enfermeiras, Madre Maria Teresa procurava enviá-las às escolas de

---

<sup>320</sup> Cf. CCPMMI, nn. 4-5.

<sup>321</sup> Cf. Ibidem, nn. 6. 80-84.

<sup>322</sup> Cf. SACIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 110.

<sup>323</sup> Cf. Ibidem, pp. 77-84.

enfermagem que lhes pudessem dar uma boa formação técnica e cultural. As primeiras irmãs enfermeiras formaram-se em escolas de ótimo padrão de ensino, nas principais capitais do país: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Era, no entanto, penoso para as religiosas, que precisavam ficar ausentes de suas comunidades durante todo o ano letivo. Para solucionar este problema, Madre Maria Teresa, com seu espírito dinâmico e empreendedor, fundou, no dia 15 de agosto de 1956, a “Escola Superior de Enfermagem Dom Epaminondas”, anexa ao sanatório Maria Imaculada. Sendo o Dr. José de Carvalho Florence, médico de renome e projeção em São José dos Campos, o grande incentivador deste empreendimento. Desde sua fundação, a “Escola Superior de Enfermagem Dom Epaminondas” cumpriu bem sua missão. Nela se formaram 82 enfermeiras, 21 técnicas de enfermagem e 161 auxiliares de enfermagem, num total de 264 profissionais de saúde. Pouco após o falecimento de Madre Maria Teresa, por novas exigências do ‘Ministério da Educação’, ficou muito difícil manter a escola, por isso suas atividades foram encerradas, em 1973<sup>324</sup>.

#### **4.1.12. Falecimento**

Depois de anos de intensa dedicação à Igreja, Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico veio a falecer no dia 8 de janeiro de 1972, na ‘Casa Generalícia da Congregação’, o sanatório Maria Imaculada<sup>325</sup>. Seu corpo foi sepultado no jazigo da congregação das irmãs pequenas missionárias, no cemitério municipal de São José dos Campos. A pedido de frei Patrício Sciadini, ocd, Dom Moacir Silva, bispo diocesano de São José dos Campos, autorizou, por decreto, a abertura do túmulo e o reconhecimento canônico dos restos mortais de Madre Maria Teresa, bem como a sua transferência para a capela do sanatório Maria Imaculada. Finalmente, no dia 01 de setembro de 2005 seus restos mortais foram exumados e transladados conforme o decreto episcopal<sup>326</sup>.

---

<sup>324</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Escola de enfermagem Dom Epaminondas*. In: TE, n. 32, p. 03.

<sup>325</sup> Cf. SCIADINI, P., *Ser pequena para ser grande – Biografia de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico*, São Paulo, Loyola, 1996, pp. 91-94.

<sup>326</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *Voltando para a casa mãe*. In: TE, n. 29, pp. 02-05.

#### 4.1.13. Escritos

Madre Maria Teresa escreveu muito. Todos seus escritos, cartas ou conferências, manifestam uma personalidade equilibrada e de profunda vida espiritual<sup>327</sup>. Era mulher de oração e de convicções profundas. Tinha a arte de dizer as coisas, de corrigir, sem ferir. Seu acervo, direcionado à formação de suas religiosas, é composto de 295 cartas e 266 conferências.<sup>328</sup> Conferências que foram guardadas e, após sua morte, compiladas numa série de três cadernos, intitulados “Conferências feitas por Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico”. Para comemorar o centenário de nascimento da fundadora, em janeiro de 2001, a congregação não envidou esforços e gravou 10 Cds com a voz original de Madre Maria Teresa, a partir da recuperação de antigas gravações em rolos e cassetes<sup>329</sup>.

#### 4.1.14. Processo de canonização

No dia 17 de agosto de 1997, numa sessão solene na ‘Igreja Catedral de São Dimas’, diocese de São José dos Campos, foi aberto o processo de canonização de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico. O então bispo diocesano, Dom Nelson Westrupp, scj, constituiu o tribunal diocesano para atuar neste processo: juiz delegado, Pe. Elemar Scheid, scj<sup>330</sup>; promotor de justiça, Pe. Moacir Silva<sup>331</sup>; notária atuária, Ir. Simone Santana; notária adjunta, Ir. Silvana Ramos. O postulador da causa é frei Patrício Sciadini, ocd, nomeado pela superiora geral Madre Vera Letícia de Maria Imaculada. A missão do tribunal é recolher dados sobre a vida, as virtudes e a fama de santidade de Madre Maria Teresa. Este trabalho é realizado através de recolhimento e análise de seus escritos, chamada de prova documental, assim como da chamada prova testemunhal, que consta de

---

<sup>327</sup> Cf. TE, n. 07, p. 05: O perito criminal Ali Mamed Qbar, do Instituto de Criminalística Dr. Otávio Eduardo de Brito Alvarenga, à pedido da Congregação das Irmãs Pequenas Missionárias, fez um estudo grafológico para definir os principais traços da personalidade de Madre Maria Teresa. O resultado foi o seguinte: “(...) Através de simples letras grafadas encontramos uma pessoa incomum, singular, dona de um caráter alegre, jovial e culta. Seu amor pela vida foi exemplar assim como como sua fé inabalável, adornada pelo altruísmo que sempre norteou suas ações (...)”.

<sup>328</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *O germinar da semente (...)*. In: TE, n. 07, p. 02.

<sup>329</sup> Cf. Idem, *Caminhando (...) rumo ao ideal*. In: TE, n. 14, p. 03.

<sup>330</sup> Faleceu em 14 de dezembro de 1998, durante o transcorrer do processo. Tomou lugar como juiz do processo o próprio bispo diocesano, Dom Nelson Westrupp, scj.

<sup>331</sup> Ordenado terceiro bispo da diocese de São José dos Campos, em 11 de dezembro de 2004.

depoimentos de pessoas que conheceram, conviveram ou tiveram algum relacionamento com Madre Maria Teresa<sup>332</sup>.

Foram ouvidas 47 testemunhas pelo tribunal para a elaboração da prova testemunhal. O trabalho da parte documental foi imenso. Grande quantidade de escritos de Madre Maria Teresa foi transcrita em computadores. E o tribunal teve a incumbência de conferi-los rigorosamente; informá-los e autenticá-los. Todo este trabalho resultou em 14 grandes volumes de documentos, pois Madre Maria Teresa escreveu muitas cartas e fez grande número de conferências e discursos. Dom Antônio Afonso de Miranda<sup>333</sup>, sdn, presidiu a comissão histórica que averiguou a veracidade dos escritos e documentos recolhidos; além de elaborar um relatório abrangente sobre o ambiente histórico em que viveu Madre Maria Teresa<sup>334</sup>. Os teólogos Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo<sup>335</sup> e Pe. Dimas Lara Barbosa<sup>336</sup> analisaram os escritos de Madre Maria Teresa e constataram que não há neles nada contrário à doutrina católica. E no dia 25 de novembro de 2001, na Catedral de São Dimas, realizou-se a sessão de encerramento do processo, em âmbito diocesano<sup>337</sup>.

No dia 18 de dezembro de 2001, em Roma, frei Patrício Sciadini, ocd, entregou na “Congregação para a Causa dos Santos”, toda a documentação referente à fase diocesana do processo de canonização de Madre Maria Teresa<sup>338</sup>. Quando um processo de canonização é entregue na Congregação para a Causa dos Santos, a primeira providência, antes de se iniciar o estudo das virtudes, é constatar se tudo nele foi de acordo com a legislação específica para os processos de canonização. No caso do processo de Madre Maria Teresa, dez meses após dar entrada, a Congregação para a Causa dos Santos emitiu o decreto de validade jurídica do processo. Esse decreto significa que a Santa Sé examinou e aprovou o processo, no seu aspecto jurídico, dando-se agora início ao estudo da vida, da

---

<sup>332</sup> Cf. Ir. TERESA MARGARIDA DO SAGRADO CORAÇÃO, *Carta aberta às Pequenas Missionárias*. In: TE, n. 25, p. 02.

<sup>333</sup> Bispo emérito de Taubaté.

<sup>334</sup> Cf. Ir. TERESA MARGARIDA DO SAGRADO CORAÇÃO, loc. cit.

<sup>335</sup> Sacerdote incardinado à Arquidiocese de São Paulo e teólogo.

<sup>336</sup> Em 02 de agosto de 2003, ordenado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

<sup>337</sup> Cf. Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS HÓSTIA, *O retorno ao Vaticano (...)*. In: TE, n. 15, p. 03.

<sup>338</sup> Cf. *Ibidem*, p. 04.

prática das virtudes e da fama de santidade de Madre Maria Teresa<sup>339</sup>. Ao ser aberto o processo na fase ainda diocesana, Madre Maria Teresa já ganhou o direito de ser chamada “Serva de Deus”.

#### 4.2. Discípula de santa Teresa de Lisieux

Em 17 de maio de 1925, o Papa Pio XI proclamou Ir. Teresa do Menino Jesus (Teresa Martin), santa. A “História de uma alma”, autobiografia da carmelita de Lisieux, ia sendo traduzida em todas as línguas e corria de mão em mão. Dom Epaminondas acompanhou o processo de canonização de santa Teresinha; nutriu por ela uma devoção toda particular; tornou-a conhecida em sua diocese<sup>340</sup>, a ponto de conseguir auxílio da prefeitura de Taubaté para a construção de um santuário dedicado a santa francesa do Carmelo de Lisieux<sup>341</sup>.

Dom Epaminondas transmitiu sua devoção particular a santa Teresinha para Dulce e suas companheiras. Por ocasião da inauguração da primeira capela do pensionato, escreveu uma carta a Dulce, lamentando não poder comparecer e fazendo referência explícita a santa Teresinha:

“(…) Quanto quisera aí estar em pessoa, para mais de perto me associar ao justo júbilo que lhes invade as almas! Sabe Deus com que pesar me privo deste desejo! A ele ofereço este sacrifício, que peço transformar em copiosa chuva de bênçãos sobre a esperançosa fundação que tem por protetora especial a nossa querida Mãe Imaculada e sua digna filhinha, a mim tão cara, santa Teresinha (…)”<sup>342</sup>.

<sup>339</sup> Cf. Ir. TERESA MARGARIDA DO SAGRADO CORAÇÃO, *Carta aberta às Pequenas Missionárias*. In: TE, n. 25, p. 02.

<sup>340</sup> BRANDÃO, A., *Dom Epaminondas*, São Paulo, Ave Maria, 1941, pp. 225-226.228: “No Rio, enfermo, em 1913, Dom Epaminondas num engano providencial, ao procurar a vida da matriarca do Carmelo, a grande santa Teresa, encontra a vida ou autobiografia do serafim de Lisieux, santa Teresinha do menino Jesus. Desde então nunca mais pode esquecer-se da querida santinha. Chamava-a na intimidade de uma devoção ardente: a Teresinha. De Lisieux as carmelitas irmãs da santa, diversas vezes escreveram a Dom Epaminondas e lhe mandavam relíquias e estampas, com as mais consoladoras notícias do processo de beatificação introduzido pelo santo Padre Pio X, em 1914 (...). A ‘História de uma alma’ (...), autobiografia de santa Teresinha, era o pábulo espiritual mais delicioso para o coração de Dom Epaminondas. Não se cansava de ler e reler tudo quanto se referia à espiritualidade teresiana. Era um profundo conhecedor e mestre do pequenino caminho da via da infância espiritual (...). O povo que bem sabia da carinhosa devoção de Dom Epaminondas pela ‘Teresinha’, sempre andava pela portaria do palácio à procura de relíquias e estampas e a pedir as orações do bispo. O velho palácio episcopal de Taubaté foi um centro de irradiação do culto da santinha para toda a diocese, aliás, para o Brasil”.

<sup>341</sup> Em 1923, na cidade de Taubaté, Dom Epaminondas iniciou a construção do santuário de santa Teresinha. E, ainda hoje, este santuário é referência à devoção a santa Teresinha, no vale do Paraíba.

<sup>342</sup> Carta de Dom Epaminondas a Dulce (27/11/1931). Apud Ir. MARIA DOMITILLA DE JESUS EUCARÍSTICO, *O Espírito do Senhor conduz a sua eleita*. In: TE, n. 11, p. 04.

Se santa Teresinha era importante na espiritualidade de Dom Epaminondas, não menos o será na vida de Dulce. A pequena via da ‘infância espiritual’ provocou uma onda de entusiasmo em muitos cristãos da época. Dulce identificava-se com santa Teresinha na doença; aliás, ambas sofreram da mesma doença, a tuberculose. Sentia-se como a carmelita de Lisieux, frágil, fraca e incapaz de fazer grandes penitências: via-se, então, obrigada ao repouso, a uma boa alimentação, a uma vida sem cansaço. Tudo isto, mais o incentivo de Dom Epaminondas, como já vimos, levou Dulce a identificar-se profundamente com a espiritualidade da infância espiritual.

#### 4.2.1. Teologia da infância espiritual

A teologia da infância espiritual atinge toda sua legitimidade a partir de nossa filiação adotiva, através do sacramento do batismo. Somos ‘filhos e filhas no Filho Jesus’. Deus é nosso “*Abba*”, nosso Pai (cf. Rm 8, 15; Gl 4, 16), que revela aos pequenos o que mantém oculto aos sábios e doutores (cf. Mt 11, 25). A expressão ‘infância espiritual’, que já se encontra em ‘Adão de Perseigne’, ou em ‘Juliana de Norwich’, tornou-se famosa, a ponto de ser utilizada até nos pronunciamentos pontifícios, a partir do ensinamento de santa Teresinha, contudo, a santa carmelita de Lisieux jamais usou esta expressão, foi sua priora, madre Inês de Jesus, que, resumindo a sua doutrina, lhe fez essa atribuição. Santa Teresinha, na realidade, usava a expressão ‘pequena via’<sup>343</sup>.

A pequena via é, para santa Teresinha, o resultado de uma longa busca. Desejosa de se tornar santa constatou sua impotência diante deste grande ideal. Após tentar seguir o caminho de santidade próprio da vida religiosa de sua época, fundado no chamado ‘heroísmo ascético’ e nas duras penitências, ela intuiu que Deus lhe reservava outro caminho<sup>344</sup>. É o que ela revela a madre Maria de Gonzaga:

“Como sabeis, sempre desejei ser santa. Mas ai! Comparando-me com os santos, sempre constatei que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha cujo cimo se perde nos céus e o grão de areia obscuro, calcado aos pés dos caminhantes. Ao invés de desanimar, disse a mim mesma: o bom Deus não poderia me inspirar desejos irrealizáveis; posso então apesar de minha pequenez,

<sup>343</sup> Cf. DE MEESTER, C., *Infância espiritual*. In: *DM*, p. 546.

<sup>344</sup> Cf. RODRIGUES, J. C., “*A corrida de gigante*” de uma santa. In: SCIADINI, P., *Santos e santas que influenciaram o II milênio*, São Paulo, Editora LTR; Edições OCD, 2000, p. 350.

aspirar à santidade. Crescer me é impossível; devo suportar-me tal qual sou, com todas as minhas imperfeições, mas quero, contudo, procurar o meio de ir para o céu por um caminhozinho bem reto, bem curto, uma pequena via inteiramente nova”<sup>345</sup>.

E após um bom tempo, convivendo e aceitando as próprias limitações, em setembro de 1894, finalmente Teresa elabora sua pequena via:

“Estamos num século de invenções. Agora, não se tem mais o trabalho de subir os degraus de uma escada: na casa dos ricos, um elevador a substitui vantajosamente. Quanto a mim, também desejei encontrar um elevador para subir até Jesus, pois sou muito pequena para subir a rude escada da perfeição. Então fui procurar nos livros sagrados a indicação do elevador, objeto de meu desejo, e li estas palavras pronunciadas pela boca da sabedoria eterna: ‘Se alguém for pequenino, venha a mim’ (Pr 9, 4). Aproximei-me, pois, adivinhando que tinha descoberto aquilo que procurava. Querendo saber, oh, meu Deus, o que faríeis com o pequenino que correspondesse ao vosso apelo, continuei minhas buscas e eis o que encontrei: ‘Assim como uma mãe acaricia seu filhinho, assim eu vos consolarei; aconchegar-vos-ei ao meu seio e acariciar-vos-ei sobre meus joelhos!’ (Is 66, 12.13). Ah! Nunca palavras mais doces, mais melodiosas vieram alegrar minha alma! O elevador que deve fazer-me subir até o céu são os vossos braços, Jesus! Por isso não preciso crescer; devo, pelo contrário, permanecer pequenina e tornar-me cada vez mais pequenina”<sup>346</sup>.

Santa Teresinha encontrou a solução do problema que a angustiava, e compreendeu que a santidade não é fruto dos nossos esforços, mas dom gratuito de Deus, que nos faz participantes de sua vida divina. Não são as severas penitências que nos santificam, mas a confiança, semelhante a de uma criança, na bondade de Deus. O caminho da santidade consiste, inicialmente, em aceitar-se como se é<sup>347</sup>, com todas as fragilidades e limitações que temos. A partir de então um espírito de ‘abandono filial’ passa a matizar sua vida. A pequena via significa para ela o mais radical despojamento e a entrega a Deus na total confiança e no abandono de si mesma em suas mãos<sup>348</sup>:

“No entardecer desta vida, comparecerei diante de vós com mãos vazias, pois não vos peço, Senhor, que leveis em conta minhas obras. Todas as nossas justiças têm defeitos aos vossos olhos. Quero, pois, revestir-me de vossa própria justiça, e receber de vosso amor a eterna posse de vós mesmo”<sup>349</sup>.

<sup>345</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, *Manuscrito endereçado a Madre Maria de Gonzaga*. In: LONCHAMPT, J. (Dir.), *Teresa do menino Jesus e da Sagrada Face. Obras completas*, São Paulo, Loyola, 1997, p. 223.

<sup>346</sup> Ibidem.

<sup>347</sup> Cf. VERCOUSTRE, P., *Le grandi intuizioni di santa Teresa di Lisieux*, Torino, Piero Gribaudi Editore, 1986, pp. 162-173.

<sup>348</sup> Cf. RODRIGUES, J. C., “A corrida de gigante” de uma santa. In: SCIADINI, P., *Santos e santas que influenciaram o II milênio*, São Paulo, Editora LTR; Edições OCD, 2000, pp. 350-351.

<sup>349</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, *Orações*. In: LONCHAMPT, J. (Dir.), *Teresa do menino Jesus (...)*, São Paulo, Loyola, 1997, p. 1038.

Ao colocar no centro de sua busca de santidade a confiança e abandono nas mãos de Deus, santa Teresinha não desconhecia a necessidade da colaboração humana com a graça de Deus. Ela não incorreu na heresia do ‘quietismo’, pois contemplou a iniciativa e a responsabilidade pessoal no esforço para superar a mentalidade de que a santidade era uma conquista. É, sem dúvida alguma, uma ascese, renunciar ao próprio protagonismo para aceitar o protagonismo divino; aceitar que é a força do amor de Deus que age em nossa fraqueza; aceitar que a santidade é puro dom de Deus. Esta convicção bem expressou santa Teresinha na oração que ela mesma compôs para Jesus no tabernáculo:

“Suplico-vos, oh, meu divino esposo, que sejais vós mesmo o reparador de minha alma, que exerçais vossa ação em mim sem considerar minhas resistências; enfim, já não quero ter outra vontade senão a vossa. E, amanhã, com o auxílio da vossa graça, recomencarei uma nova vida em que cada instante será uma ato de amor e de renúncia”<sup>350</sup>.

Santa Teresinha compreendeu que a santidade não está nas obras, mas na motivação que nos leva a agir. Todas as obras, pequenas ou grandes nos santificam, desde que motivadas pelo amor de Deus: “Jesus não olha tanto para a grandeza das ações, nem mesmo para a dificuldade delas, como para o amor com que estes atos são feitos”<sup>351</sup>.

Diante das idéias jansenistas que insistiam em demasia na prática das penitências, como requisito principal no esforço de santificação, a pequena via de santa Teresinha recorda que a santidade é, antes de tudo, obra de Deus. Por isso mesmo, é que no seu ato de oferecimento ao amor misericordioso, ela dizia: “Desejo cumprir, perfeitamente, vossa vontade e alcançar o grau de glória que me preparastes em vosso reino. Numa palavra, desejo ser santa, mas sinto minha impotência, e peço-vos, oh, meu Deus, sede vós mesmo a minha santidade”<sup>352</sup>.

O grande contributo da pequena via de santa Teresinha é ser ele um caminho acessível a todos, que não exige nem êxtases nem penitências exageradas, mas somente o esforço de revestir de amor todas as atividades de nossa vida.

---

<sup>350</sup> Ibidem, p. 1040.

<sup>351</sup> Cf. SCIADINI, P., *O caminho das pequenas coisas – Teresa do menino Jesus*, São Paulo, Cidade Nova, 1986, pp. 31-41.

<sup>352</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, *Orações*. In: LONCHAMPT, J. (Dir.), *Teresa do menino Jesus (...)*, São Paulo, Loyola, 1997, p. 1037.

### 4.3. Conclusão

Madre Maria Teresa, como vimos nesta concisa biografia, teve uma história marcada pelo sofrimento. Contudo, não foi uma pessoa desanimada e derrotista. Pelo contrário, soube superar muito bem todas as provações pelos quais passou durante seus setenta e um anos de vida. Lutou corajosamente e venceu, não apenas a tuberculose, doença, mas, notadamente, o descaso e o preconceito contra os tuberculosos. Mulher de fé, atinada ao sinais dos tempos, discerniu que Deus a chamava para trabalhar junto aos tuberculosos, os excluídos e abandonados daquela época, diríamos hoje.

Além de ter idealizado e concretizado grandes e importantes obras filantrópicas, Madre Maria Teresa deixou-nos também um grande acervo acerca da mortificação. Embora tenha sido uma leitora assídua das principais obras teológica de sua época, não foi teóloga, por isso mesmo não oferece uma reflexão sistemática acerca da mortificação. Mas é evidente pela análise de seus escritos, que ela conheceu e estudou, embora não cite nominalmente, os principais manuais de teologia ascética e mística, do início do século XX. Portanto, ela teve acesso à reflexão teológica sobre a mortificação. A isso se acrescenta a influência da teologia da infância espiritual de Santa Teresinha, que Madre Maria Teresa conhecia bem. O resultado foi uma equilibrada prática da mortificação, sem violência ao corpo e sem penitências abusivas.

É este contributo específico de Madre Maria Teresa à teologia e à prática da mortificação que consideraremos no próximo capítulo de nosso trabalho, quando analisaremos a antropologia e a soteriologia subjacentes ao seu pensamento, extraindo desta análise a teologia que a levou a superar as rudes penitências corporais.